



Eixo 1 – Não deixar ninguém para trás

Modalidade: [trabalho completo]

Promovendo a diversidade cultural nas bibliotecas a partir do Hip-Hop

Promoting Cultural Diversity in Libraries Using Hip-Hop

Jadna Forte - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Gabrielle Tanus - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Resumo: O trabalho tem como objetivo evidenciar a importância do hip-hop nas bibliotecas, bem como expõe a proposição de atividades que podem ser realizadas com essa articulação. Recorre-se à pesquisa exploratória de cunho bibliográfico e abordagem qualitativa, desenvolvendo leituras acerca do hip-hop e seus cinco elementos. Os resultados mostram a necessidade de mais pesquisas acadêmicas e iniciativas práticas sobre o assunto, que precisam ainda ser publicizadas em jornais de grande veiculação. Conclui-se que, a cultura do hip-hop integrada às bibliotecas pode trazer benefícios mútuos, superando estigmas marginalizados, preconceitos e desconhecimento acerca da cultura do hip-hop.

Palavras-chave: Hip-hop. Biblioteca. Diversidade cultural. Biblioteconomia Social.

Abstract: The work aims to highlight the importance of hip-hop in libraries, as well as propose activities that can be carried out based on this articulation. Exploratory bibliographical research and a qualitative approach are used, developing readings about hip-hop and its five elements. The results show the need for more academic research and practical initiatives on the subject, which still need to be publicized in major newspapers. It is concluded that a hip-hop culture integrated into libraries can bring mutual benefits, overcoming marginalized stigmas, prejudices and even lack of knowledge about hip-hop culture.

Keywords: Hip-hop. Library. Cultural diversity. Social Librarianship.



1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas desde seus primórdios são vistas como um lugar elitizado, reservado para poucos. Almeida Júnior (2015) sinaliza que, desde o começo, as bibliotecas preservam o conhecimento dos “dominantes”, e as áreas da Biblioteconomia e Ciência da Informação são, historicamente, refratárias a grandes mudanças. Essa visão da biblioteca é algo que nos tempos atuais não é mais aceitável, bibliotecas são lugares de informação, conhecimento e culturas múltiplas, devendo ser um ambiente onde todos se sintam acolhidos, representados e pertencentes. Em um momento complexo como o atual, marcado pela intolerância e preconceitos, faz com que as bibliotecas como espaço também de cultura, mediação e acesso à informação, precisem se aperfeiçoar como lugares de inclusão, diversidade cultural, construção coletiva e individual do conhecimento.

Contudo, tem havido na literatura um movimento em prol da “Biblioteconomia Social”, que vem colocando centralidade na biblioteca como uma instituição responsável pela transformação social, o que tem sido nomeado de uma “virada social” (Tanus, 2023). De acordo com Lindemann, Spudeit e Corrêa (2016, p.712) a Biblioteconomia Social: “significa preceito na interação entre bibliotecas e sociedade, tornando-se assim uma unidade de nível cognitivo em que se reconhece que só podem existir bibliotecas onde há sociedade”. A manifestação dessa Biblioteconomia se faz por meio da relação com a comunidade na elaboração dos serviços e produtos, não mais uma relação unidirecional de prestação de serviço. Colocam-se no centro as pessoas, que, inclusive em coletivo, vão construir e usufruir dos serviços e produtos da biblioteca; bem como se tornam necessárias as reflexões acerca dos contextos sociais, culturais, políticos e econômicos no desenvolvimento das ações institucionais.

O processo complexo e dialógico realizado pela mediação contribui para que os sujeitos sejam protagonistas das atividades propostas nas bibliotecas. A mediação tem um papel muito importante no processo de uma verdadeira inclusão, que vai desde a mediação implícita até a explícita (Almeida Júnior, 2015). E dentro desse contexto de mediação da informação é possível ampliar para um entendimento de mediação cultural, pois como argumenta Almeida (2008), reside uma impossibilidade de formular questões informacionais em um ambiente que não se considere, justamente, a sociedade e a cultura. Não existe um mundo em que a sociedade não tenha importância, onde há pessoas têm cultura.



De acordo com Bezerra e Cavalcante (2020, p. 6), a mediação cultural pode possibilitar “novos atos de significação no sujeito interagente em contextos de práticas informacionais e culturais, uma vez que permite a apropriação dos elementos simbólicos ali desenvolvidos”, funcionando como um modo de conversa entre diferentes formas culturais de entender os acontecimentos informacionais dentro da sociedade. Diante disso, da ampliação da própria missão das bibliotecas para abarcar uma diversidade de culturas e povos a partir de seus serviços e produtos, propõe-se, aqui, alinhar o debate com o hip-hop.

O movimento hip-hop surgiu nos guetos de Nova York, por volta de 1970, e usa dos cinco elementos para se expressar, são eles: MCs (Mestre de cerimônia), DJs (disc jockey), Break, Grafite e, por último, o conhecimento. Os quatro primeiros são uma forma física de se expressar, que juntos geram o conhecimento. Esses elementos do hip-hop são as manifestações artísticas usadas por pessoas da periferia, indivíduos marginalizados acharam para se expressarem e lutarem pelos seus direitos. Segundo Martins (2013, p. 261):

A cultura hip hop, caracterizada como uma prática social promovida pelos jovens pobres, principalmente pelos jovens negros, atua no sentido de dar visibilidade à população negra, no sentido da constituição da identidade e no crescimento da autoestima do negro-descendente, uma percepção de si mesmo menos estigmatizada.

Ao integrar a cultura do hip-hop nas bibliotecas não só se tornam um lugar mais inclusivo, mas também promovem a diversidade cultural. Ao acolher e promover essa cultura, a biblioteca atrai um público que por muito tempo não teve a voz ouvida, fazendo com que eles se sintam pertencentes a um lugar que por tempos foi destinado à elite econômica. De uma perspectiva acadêmica, o silenciamento dessa inclusão também se faz presente nos artigos indexados pela Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação - BRAPCI, pois usando as palavras chaves “hip-hop” e “biblioteca *and* hip-hop” foram considerados um total seis trabalhos, excluindo os duplicados. Sendo apenas dois trabalhos vinculados diretamente à discussão de bibliotecas e hip-hop.

Para fomentar esse debate, de outras manifestações culturais, no espaço da biblioteca (ou com o apoio da biblioteca), este trabalho tem como objetivo expor a importância do hip-hop integrado às bibliotecas. Como parte dessa discussão, ao final, são propostas atividades que podem ser realizadas em qualquer tipologia de biblioteca, alinhando-se o hip-hop à agenda de serviços e atividades da instituição, lembrando que a comunidade precisa participar dessa elaboração. Diante dessa manifestação cultural que é o



hip-hop, as bibliotecas podem colaborar para o processo de democratização e fortalecimento do espaço social, cultural e político.

2 HIP-HOP

Existem alguns debates entre os autores sobre a origem do hip-hop. De acordo com Martins (2013) emergiu nos guetos de Nova York na década de 1970, enquanto Salles (2007, p. 26) diz que “tudo começou com os velhos costumes dos jovens da Jamaica, o toastie¹, foi transportado para Nova York pelo DJ jamaicano Kool Herc²”. Também existe a teoria de ser a junção de inspirações de outras manifestações artísticas, o autor Silva (1999) comenta sobre uma provável influência do jazz e do reggae no hip-hop, principalmente o jazz por eles terem vindo da periferia e usarem uma mistura de ritmo e letra para expressar o protesto de gerações. Segundo Souza (2004, p. 69):

O surgimento do hip-hop está diretamente vinculado à história da música negra norte-americana e a luta por espaço e visibilidade por parte desse segmento. Os guetos de Nova York - habitados majoritariamente por uma população negra e pobre - foram o local onde surgiram as primeiras experiências da cultura. De lá, o hip hop se disseminou para outras áreas, obtendo força principalmente nos centros urbanos que apresentam uma deficiente infra estrutura sócio urbana.

Naquela época, enfrentavam fortes problemas com gangues que disputavam por poder e espaço usando a violência. Com a chegada do hip-hop, os gangsters começaram a usar dos elementos - MC, Break, Grafite e DJs - para lidar com os conflitos. Segundo Fochi (2007), as gangues formavam grupos e usavam da dança e do grafite para disputarem entre si. O que antes era violento se tornou uma batalha de break ou de grafite, atraindo muitos jovens para conhecerem outra forma de se expressar, através da arte e da cultura.

O hip-hop é, atualmente, composto por 5 elementos, os autores Ponciano (2022), Andrade (1999), Souza (2019) citam eles como sendo: Rap, DJ, Grafite e o Break. Já os autores como Teperman (2015), Lazzarin (2008) e Santos (2023) citam: MC, DJ, Grafite e o Break, o rap seria a junção das letras dos MCs e da base dos DJs. Neste trabalho optamos por considerar os elementos: MC, DJ, Break e o Grafite. Nos últimos anos nas rodas culturais vem se falando de um novo elemento “conhecimento” que seria o produto gerado pelos outros elementos. Esse elemento, de acordo com Teperman (2015), enfatiza a ideia de que o

¹ Toastie é um elemento fundamental, envolve canções e falas improvisadas, sendo feitas na hora com uma base instrumental.

² Considerado um dos fundadores da cultura hip-hop.



rap vai além da mera visão comercial, contrapondo-se à redução desse estilo musical a um mero produto de mercado. O hip-hop pode ser expressado de diversas formas diferentes, José Filho (2009) expõe que a cultura pode ser transmitida oralmente e por meio da escrita. É exatamente através das músicas, das danças e das letras do hip-hop que as histórias e as experiências das comunidades urbanas são compartilhadas.

2.1 MC

O Mestre de Cerimônia, de acordo com Lima (2018), é quem fala, rima ou canta em cima da batida do DJ e a junção deles forma o gênero de música rap. O MC surgiu nos bailes que aconteciam nas periferias. Anteriormente os DJs deixavam as músicas passando e interagindo com a plateia, mas depois começaram a fazer mixagem, voltando os discos de vinil para misturar duas músicas. Com isso, eles tinham que ficar concentrados e chamavam alguém para animar a festa. Segundo Teperman (2015), foi depois dessa necessidade de ter um animador que surgiu o MC. Eles interagem com a plateia no palco, criando versos improvisados (*freestyle*), contando histórias, rimas, fazendo provocações e estimulando que outras pessoas pegassem o microfone para responder suas provocações. Foi daí também que surgiram os duelos de rimas, também conhecidos hoje em dia como batalhas de rap ou Batalha de MCs.

Eles começaram a, de acordo com Teperman (2015), trazer trechos e letras já pensadas para recitar para a plateia. Isso seriam traços de um tipo de poesia falada (*slam*). De acordo com Freitas (2020), o *slam* nasceu por volta dos anos 1980, em Chicago, fruto da poesia falada que já existia nos Estados Unidos e se associou ao hip-hop como prática cultural. E foi desses momentos que também veio o rap, musicalidade do hip-hop, uma junção da letra do MC e a base do DJ. A música como forma intrínseca de expressão cultural, desempenha um papel importante ao longo da história. O rap é conhecido por muitas vezes ter uma letra “violenta” ou que fala sobre essa violência, Silva (2012) fala sobre a violência nas letras de rap, mas porque faz parte da realidade e da vida de quem escreve a letra. Muitos dos rappers são ou eram de periferias que sofrem com a criminalidade e guerras, eles veem isso diariamente e é sobre isso que eles falam.

Dentro do elemento MC ainda caberia muitas contextualizações, sobre os rappers, *slams*, batalhas de rimas (de sangue ou de conhecimento), porém precisaria de muito mais



espaço para isso e não cabe a esse trabalho se aprofundar em cada parte e sim tentar apresentar brevemente os elementos da cultura hip-hop.

2.2 DJs

Os Disc-Jockeys (DJs) fazem a base musical do rap, conhecido como *beats*, antes eram responsáveis por selecionar músicas que iriam tocar, atualmente até competem com seus *beats* autorais. De acordo Araldi (2004) as técnicas dos DJs vinham de Kingston, na Jamaica, com o surgimento do som nos anos 50. Segundo Lima (2018, p.31):

O DJ (Disc Jockey) foi o primeiro elemento do Hip-Hop. No passado, era o locutor nas rádios, aquele que anunciava as músicas e colocava os discos na vitrola para tocar. Com a evolução tecnológica dos meios de reprodução, tornou-se um criador.

A mixagem é uma das técnicas mais populares, sendo a junção de dois sons diferentes, formando um novo som. De acordo com Teperman (2015) Kool Herc foi a primeira pessoa a usar a técnica de mixagem e isso nasceu como um desafio para os DJs. Hoje em dia com a evolução das tecnologias, os DJs andam com aparelhos que facilitam suas criações, como mostra na figura 1 um DJ com um notebook e dois aparelhos de mixagem.

Figura 1 - DJ no evento do coletivo mãe luiza



Fonte: Lucas Bastos (2023).

Descrição: Fotografia de um homem de pele branca e barbudo, sentado enquanto mexe em um notebook. Em cima da mesa, ao lado do notebook tem aparelhos de mixagem para controlar as músicas.

2.3 Break

O break, breaking ou breakdance são as nomenclaturas para dança do hip-hop, que se destacam por sua natureza política. Os dançarinos de break são chamados de *B-boys/B-girl*. De acordo com Zeni (2004) o break foi o primeiro elemento a chegar ao Brasil por volta de 1984. Os autores Prates, Moraes e Guareschi (2008, p.5) caracterizam o break como:

movimentos em que o dançarino tenta reproduzir o corpo debilitado dos soldados que voltavam da Guerra do Vietnã e movimentos que copiavam as hélices dos helicópteros utilizados na guerra.



Esses movimentos eram feitos para se manifestarem suas opiniões contra a guerra, como mostra na figura 2. O elemento break é uma maneira de manifestação artística e política, e também tem um papel construindo identidade e promovendo cultura. Através do break os b-boys e b-girls se expressam, competem e ampliam suas habilidades. Atualmente, o break não é só uma dança ou atividade física, mas sim um meio de resistência e empoderamento. Em 2024, pela primeira vez o breaking vai participar das olimpíadas como um esporte mundialmente reconhecido.

Figura 2 - Apresentação de break no festival cenas da periferia



Fonte: Bruno Martins (2024).

Descrição: Fotografia de um menino de pele morena, vestindo roupas pretas e dançando break. Ele está de cabeça no chão e os pés para cima. Em volta, há várias pessoas assistindo.

2.4 Grafite

O grafite é o elemento que representa a arte de rua, de acordo com Lima (2018), é o elemento das artes plásticas, um estilo de desenho e pintura. Assim como os demais elementos, é uma forma de expressão dos jovens das periferias. Segundo Gitahy (1999), a aparição mais antiga que se pode falar do grafite foi encontrada nas pinturas rupestres e logo depois, nos hieróglifos egípcios. Pinturas feitas com tintas em paredes com a intenção de passar uma mensagem. Ainda de acordo com Gitahy (1999) o grafite surgiu para ser um democratizador da arte. Trazendo para a atualidade Blauth e Possa (2013), afirmam que faz parte das passagens de grandes cidades e vem sendo legitimada como uma manifestação artística que quebra com os padrões estéticos. O grafite é um meio dos jovens da periferia se expressarem, se tornarem mais reconhecidos e assim legitimar o grafite como manifestação artística. Essa vem ganhando espaço em todo o país, não só por sua beleza e cores vibrantes, mas pelo seu significado e mensagem social, conforme mostra a figura 3.



Figura 3 - Grafite na Biblioteca da Escola do Governo do RN.



Fonte: Elaborada pelo autor (2024).

Descrição: Fotografia de um grafite feito por Miguel Carcará. A obra retrata um menino de pele morena, cabelos lisos e pretos, usando óculos de grau com armação preta e uma camisa vermelha. Ele tem asas nas costas e está segurando um livro sobre a história do Rio Grande do Norte (RN)

2.5 Conhecimento

O hip-hop vai além das suas expressões artísticas, música, dança e arte. Como expressado por Teperman (2015, p.27) “em 1977, o músico Afrika Bambaataa havia criado a Zulu Nation, tida como a primeira organização comunitária do hip-hop”. Isso teria feito com que ele passasse a defender a existência do conhecimento como o quinto elemento. Ainda de acordo com Teperman, foi a partir de 1980, que vários rappers passaram a escrever letras incorporando o conceito de Bambaataa do quinto elemento. Segundo Silva e Albagli (2012, s.p):

Seus elementos artísticos (música, dança e artes plásticas) funcionam como condutores de informação, mobilizando os jovens e promovendo a construção da consciência crítica, da autonomia e da emancipação. A preocupação do movimento com a informação é explícita, tal como atesta o lema “nossa arma é a informação”.

A busca por conhecimento estimula o crescimento dos jovens dessa cultura e inflama a chama de transformação que o hip-hop traz. Silva e Albagli (2012) argumentam que a informação e o conhecimento no hip-hop faz com que os jovens mudem os seus pensamentos e comecem a questionar o mundo ao seu redor. Atualmente a forma que os indivíduos da cultura hip-hop estão usando para se ligarem mais a esse quinto elemento é através de cursos, *workshops*, palestras e eventos comunitários, como exposto na figura 4.



Figura 4 - Biblioteca aberta no Slam do mirante



Fonte: Cynthia Campos e Lucas Bastos (2022).

Descrição: Fotografia de uma mesa coberta por vários livros, alguns deitados e outros em pé. Entre os livros, se destaca "O diário de Anne Frank".

3 METODOLOGIA

Esse estudo envolve uma pesquisa de caráter exploratório, tendo como foco a discussão do hip-hop e como ele poderia contribuir com as bibliotecas. A técnica usada foi a de pesquisa bibliográfica, com isso, revisou-se as fontes bibliográficas, fornecendo uma base para compreender as teorias, conceitos e pesquisas existentes relacionadas à cultura do hip-hop. Para ampliar os resultados de pesquisa que demonstrasse a articulação entre bibliotecas e hip-hop procedeu-se com a investigação do tema no site de busca Google durante os meses de março e agosto de 2024. Diante disso, esta pesquisa se classifica de cunho qualitativo, por envolver a leitura dos textos, sem a preocupação com os elementos matemáticos e estatísticos que marcam a pesquisa quantitativa (Lakatos; Marconi, 2017).

Para demonstrar a pesquisa bibliográfica, esclarece que foi realizada uma consulta no Repositório Institucional (RI) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), instituição de vinculação das autoras, que recuperou 315 trabalhos sobre "hip-hop", porém apenas um trabalho³ envolve a Biblioteconomia e nada foi recuperado por "biblioteca *and* hip-hop". Como dito anteriormente, foi feito um levantamento bibliográfico através da Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), usando as palavras chaves "hip-hop" e "biblioteca *and* hip-hop", na BRAPCI. A primeira busca teve

³ OLIVEIRA, Tatiane Sandra Carvalho de. **Os movimentos sociais e a democratização da informação**: com a palavra a "Batalha do Vinho" e o "Levante Popular da Juventude". 2018. 69 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia), Departamento de Ciência da Informação, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.



seis resultados, mas levando em conta que o artigo “Arte, informação e conhecimento na cultura hip hop” apareceu três vezes com tipologias diferentes, sendo elas artigo científico, artigo de investigação e como trabalho em evento, assim, apenas quatro foram considerados⁴. Com a segunda expressão de busca foram encontrados dois artigos⁵, um em português e outro em espanhol (ambos recuperados na pesquisa anterior). Em seguida foi realizada uma pesquisa online no site de busca Google, usando as palavras chaves “biblioteca e hip-hop” e “hip-hop na biblioteca” para verificar eventos que já teriam acontecido em bibliotecas relacionadas ao hip-hop.

Esse levantamento do que foi produzido é importante para verificarmos que muita coisa ainda pode ser feita a partir desse alinhamento de bibliotecas e hip-hop, inclusive as proposições de atividades a serem feitas na biblioteca.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa bibliográfica sobre os trabalhos ligados diretamente às bibliotecas e hip-hop foi feita em primeiro lugar no repositório institucional da UFRN, o que resultou em 0 resultados, na área de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Sendo recuperado, na verdade, apenas um trabalho que falava sobre democracia da informação ligada ao hip-hop a partir da discussão mais ampla envolvendo a Biblioteconomia. A segunda pesquisa feita foi na BRAPCI que resultou em algumas pesquisas sobre hip-hop, porém só dois falavam de uma ligação de hip-hop com bibliotecas. Isso mostra que em âmbito de pesquisa científica é uma temática que ainda precisa ser explorada, para superar a marginalização da cultura hip-hop e a percepção de elitismo nas bibliotecas. Não só pesquisas teóricas precisam ser elaboradas, como também ações precisam ser colocadas em prática dentro das bibliotecas.

⁴ MARTINS, R. Hip hop, arte e cultura política: expressões culturais e representações da diáspora africana. **Em Questão**, v. 2, 2013.

LEMOS, A.; BASTOS, G. A influência das plataformas digitais no trabalho dos beatmakers de hip-hop de salvador. **Comunicação & Informação**, v. 25, n., 2022.

SILVA, E. O.; et al. Arte, informação e conhecimento na cultura hip hop. **Ciencias de la Información** (Cuba) , v. 1-2, 2000.

ROCHA, F. Estética contemporânea da periferia no documentário nacional: estudo sobre o rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas. **Comunicação & Informação**, v. 2, 2008.

⁵ MONTES, A. Z.; GRANDIAS, J. L. M.; RAMIREZ, L. A. R. Cuba hip hop. colección y memoria de una cultura (1980-2018): primera exposición sobre hip hop cubano en la biblioteca nacional de cuba José Martí y sus derivas. **Bibliotecas. Anales de Investigación** (Cuba), v. 18, n., 2022.

SOUZA, E. G.; BLANCO, L. S. Mediação da cultura e da informação nas rodas culturais. Encontro nacional de pesquisa e pós-graduação em ciência da informação, 23.,2023, Aracaju. **Anais [...]** Aracaju: ANCIB, 2023.



Com a intenção de recuperar exemplos de ações concretas que envolvessem biblioteca e hip-hop, realizou-se uma pesquisa online no site de busca Google, usando as palavras chaves “biblioteca e hip-hop” e “hip-hop na biblioteca”. Após a busca inicial, foram selecionadas oito notícias, dois sites e um evento, o critério usado para escolher foi os que falassem de hip-hop dentro da biblioteca, buscando abranger o máximo de elementos possíveis do hip-hop. Os resultados da pesquisa mostram que já existem algumas ações sendo feitas que ligam as bibliotecas com o hip-hop, mas, em especial, nas regiões sul e sudeste do Brasil. As ações contam com diversas atividades que englobam os cinco elementos, entre elas sarau, exposições, oficinas, shows e grafitagens. Isso mostra como as bibliotecas podem ser um lugar para essa cultura, por bibliotecas serem espaços culturais.

Embora a pesquisa feita não tenha recuperado nenhuma notícia sobre hip-hop nas bibliotecas no nordeste, é uma cena que está sendo bastante movimentada com eventos em museus, teatros, universidades e escolas. Em São Luís-MA a intitulada “batalha do povoado” é sediada em um teatro. No âmbito de Natal-RN ocorrem batalhas de rimas quase todos os dias em praças de Natal, eventos com grafites, slam e break também são muito comuns. Além disso, existem alguns projetos como batalha de conhecimento em teatros, projeto de extensão “batalha do coliseu”⁶, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (encerrado em 2023), e a iniciativa “escola de hip-hop”⁷ que está sendo elaborado pelos jovens da comunidade, e que pretendem levar o ensino do hip-hop para as escolas e outros diversos projetos que mesmo que ainda não tenham chegado às bibliotecas já estão procurando formas de saírem da bolha.

Os resultados refletem apenas o potencial do que é ou que ainda pode ser essas ações, onde unem culturas ditas como não “tradicionais”, demonstrando a capacidade de criar lugares inclusivos, que valorizem as diversas culturas do nosso país. As bibliotecas são um organismo em crescimento e devem evoluir junto com a sociedade, as bibliotecas necessitam mudar a visão de um lugar conservador e elitizado para receber toda a diversidade cultural.

⁶ SANTOS, Laura; REBOUÇAS, Paiva. Batalha do Coliseu. **UFRN**, 2023. Disponível em:

<https://www.ufrn.br/imprensa/reportagens-e-saberes/70338/batalha-do-coliseu>. Acesso em 05, jun 2024.

⁷ SOARES, Valcidney. “Escola de Hip Hop” leva cultura periférica para estudantes de Natal. **SAIBAMAIS**, 2024.

Disponível em: <https://saibamais.jor.br/2024/06/escola-de-hip-hop-leva-cultura-periferica-para-estudantes-de-natal/>. Acesso em 05 jun 2024.



5 PROPOSIÇÃO DE ATIVIDADES ENTRE HIP-HOP E A BIBLIOTECA

Com o intuito de mudar a visão elitizada da biblioteca e torná-la um ambiente culturalmente diversificado e onde possa ser um lugar acolhedor para a comunidade da periferia através da cultura hip-hop e suas manifestações artísticas, aqui, será proposto um conjunto de atividades e parcerias que podem ser executadas com a junção de ambas (biblioteca e comunidade). Antes de ser feito ou pensado em algo, é necessário pensar em quem são os usuários e no que a comunidade precisa ou necessita, lembrando que, esse momento é uma construção coletiva. Somente após um momento de escuta e conversa, deve-se fazer todo o planejamento.

Tendo em vista os tópicos que podem ser levados em consideração na hora de estruturar as atividades e ações dentro da biblioteca, podem ser seguidas algumas opções na hora de implementar uma proposta, entre elas a de Moreira e Silva (2021) que usaram nove elementos organizadores para implementar uma biblioteca humana na Biblioteca Pública, sendo eles: período de realização; parcerias; estratégia de marketing; livros humanos; público-alvo; temáticas abordadas; tempo de empréstimo; material de expediente; e local. Essas podem ser usadas e alteradas levando em conta a atividade que será proposta. Como neste trabalho não será proposto ações para uma biblioteca em específico, mas sim em um âmbito geral de biblioteca, a proposta está apresentada de uma forma mais resumida, não seguindo nenhum passo a passo pré-estabelecidos, assim podendo ser moldada para todas as bibliotecas com alguns ajustes que caibam em cada uma das bibliotecas e das atividades.

De antemão vamos entender os espaços das bibliotecas e como as atividades poderão ser executadas de forma que não atrapalhem outros usuários. As bibliotecas conseguem ajudar com visibilidade, espaço seguro e recursos, tendo um acervo com obras que fale sobre a cultura do hip-hop e suas manifestações, a biblioteca pode ser um local onde a história do hip-hop seja preservada por meio de materiais como, livros, documentos, documentários, fotos, e vídeos. Podem disponibilizar o espaço físico que tem em algumas áreas como a de exposição e auditórios. As bibliotecas são capazes de oferecer e executar atividades como *workshop*, oficinas, exposições, palestras, parcerias com a comunidade ou com Organizações não Governamentais (ONGs) e coletivos. A biblioteca pode ser um meio para preservar e promover o hip-hop, com seus recursos, espaços, parcerias e iniciativas.



As atividades propostas serão: Acervo sobre a história do hip-hop, biblioteca das coisas, biblioteca humana, oficinas, palestras e *workshop*, exposições, clube de leitura, momento de “microfone aberto”, *podcast* e biblioteca circulante.

5.1 Acervo sobre o hip-hop

- Criação ou ampliação do acervo: desenvolver uma coleção de livros, revistas, documentários, álbuns e filmes que abordem a cultura hip-hop e suas manifestações.
- Seleção de Materiais: selecionar materiais adequados, para saciar a necessidade da comunidade.
- Catalogação e organização: organizar de uma forma que seja facilmente recuperado pela população.
- Divulgação: divulgar pelo site da biblioteca, cartazes e redes sociais.

5.2 Biblioteca das coisas

- Estudo de comunidade: estudo de usuário para identificar as necessidades específicas da comunidade.
- Empréstimo de equipamentos: implementar empréstimo de coisas e não apenas de livros, coisas como microfones, caixas de sons, tapetes emborrachados e outros equipamentos.
- Aquisição ou campanha de doação: adquirir itens ou fazer campanha de doação.
- Sistema de empréstimos: desenvolver um sistema de empréstimo, criar as regras dos empréstimos e saber como vai acontecer a manutenção dos materiais para que eles durem o máximo possível.

5.3 Biblioteca humana

- Livros vivos: organizar eventos onde pessoas da comunidade compartilhem suas experiências relacionadas ao hip-hop.
- Seleção: selecionar quem serão os “livros vivos” dependendo da temática específica que quer trabalhar, tendo uma vivência na base do hip-hop.
- Planejamento: decidir quantas sessões serão feitas, em que horário e os temas.
- Divulgação: promover o evento através do site da biblioteca, cartazes e redes sociais.



5.4 Oficinas

- Oficinas de hip-hop: realizar oficinas práticas de grafite, break, MCs e DJs para todas as idades.
- Instrutores locais: convocar instrutores da própria comunidade, com experiência na área.
- Planejamento: definir o tempo estimado para cada oficina e quantas vagas serão ofertadas.
- Divulgação: divulgar nas redes sociais, site da biblioteca e em cartazes as oficinas junto com as inscrições.

5.5 Palestras e *workshop*

- Palestras sobre hip-hop: dispor palestras sobre a importância do hip-hop, sua história, suas lutas e seu impacto social.
- *Workshops* técnicos: oferecer *workshops* focado nas técnicas usadas nas manifestações, escritas, produção musical, performance e arte.
- Cronogramas e seleção de convidados: elaborar cronograma e selecionar os convidados, relacionado às experiências práticas e o conhecimento acadêmico de hip-hop.
- Divulgação e inscrições: divulgar nas redes sociais, site da biblioteca e em cartazes as palestras e *workshops* junto com as inscrições.

5.6 Exposições

- Exposição artística: organizar exposições de grafite, vídeos, fotografias ou performance das manifestações artísticas do hip-hop.
- Seleção de artistas e temas: escolher artistas locais e definir a temática.
- Planejamento e lançamento: planejar onde ficarão as obras, o tempo de exposição e organizar um evento de lançamento e divulgar a exposição.

5.7 Clube de leitura / filme

- Clube focado em hip-hop: criar um clube de leitura / filme focado em leitura e filmes sobre hip-hop, suas histórias, lutas e manifestações artísticas.



- Níveis de conhecimento: selecionar materiais que atendam os diferentes níveis de conhecimento dos participantes.
- Cronograma e mediação: estabelecer um cronograma e ter um mediador para que facilite as discussões.

5.8 Microfone aberto

- Eventos de microfone aberto: evento onde os usuários possam recitar poemas, slam ou improvisar letras.
- Frequência e divulgação: realizar quinzenalmente esses eventos e fazer divulgações prévias para garantir as participações.

5.9 Podcast

- *Podcast* mensal: criar um *podcast* mensal com convidados da comunidade para discutir culturas diversas, entre elas o hip-hop.
- Planejamento e equipamento: elaborar um cronograma e conseguir os equipamentos necessários para a gravação do *podcast*.
- Divulgação: deixar disponível em plataformas gratuitas e divulgar nas redes sociais.

5.10 Biblioteca circulante

- Biblioteca circulante: fazer os livros circularem em eventos de hip-hop, via empréstimo ou doações.
- Divulgação: divulgar no site da biblioteca e em redes sociais que isso pode ser feito através de diálogo com quem estiver interessado (organizadores desses eventos).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante que a visão da biblioteca elitista seja deixada para trás, para que justamente, ninguém mais seja deixado para trás. A mudança com o passar dos tempos já vem sendo sentida, as bibliotecas do século XXI vem fazendo esforços hercúleos para que a população utilize mais, se sinta mais integrada ao espaço da biblioteca, por exemplo. A “Biblioteconomia Social” também vem demonstrando aumento em sua produção que versa sobre as bibliotecas se tornarem um ambiente mais social, para toda a sociedade, um lugar inclusivo e que contemple a diversidade cultural.



Esta pesquisa permitiu conhecer melhor o conceito de hip-hop e seu surgimento, assim como dos seus elementos, sendo eles MC, DJ, Break, Grafite e o conhecimento. A cultura dita periférica, e como sabemos por muitos vista como marginalizada, mostra-se uma rica fonte de saberes e manifestação cultural, e quando integrada a ambientes como a biblioteca pode trazer benefícios mútuos.

Durante a execução do trabalho, as principais barreiras encontradas foram a falta de pesquisas que falassem sobre o tema na área da Biblioteconomia e da Ciência da Informação. A cultura do hip-hop nas bibliotecas não é algo muito debatido, e há dificuldade de achar materiais científicos sobre tal assunto, ainda são precárias as ações feitas em bibliotecas, as únicas ações noticiadas são no sul e sudeste do país. Ressalta-se a importância de serem feitas ações e parcerias que envolvam a cultura hip-hop nas bibliotecas, no trabalho foram propostas ações e parcerias que podem ser implementadas. A partir da execução dessas ações, acredita-se que as bibliotecas poderão ser lugares mais inclusivos e diversos culturalmente, distanciando-se da imagem de um lugar elitizado e excludente.

No decorrer da pesquisa, percebeu-se a falta de estudos que ligassem o hip-hop com a Biblioteconomia e a Ciência da Informação em geral, mais especificamente, com as bibliotecas e bibliotecários ou arquivos para preservar outras memória consideradas não oficiais. Por fim, pode-se observar que a falta de ações entre a biblioteca e a cultura hip-hop forma um distanciamento que precisa ser quebrado, em um país diverso como o Brasil, todas as culturas devem ser acolhidas e preservadas, não só as manifestações culturais de uma certa classe social que almeja manter a ordem social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo. Conservadorismo e Revolução (ou Reformismo) na Biblioteconomia e na Ciência Da Informação. **Divers@Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Matinhos, v. 8, n. 2, p. 132-144, jul./dez. 2015. Disponível em:

<https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/45052/27431> . Acesso em: 10 maio. 2024.

ALMEIDA, M. A. Mediações da cultura e da informação: perspectivas sociais, políticas e epistemológicas. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [s.l.], n. 1, v. 1, 2008. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/119328>. Acesso em: 25 jun. 2024.



ANDRADE, Elaine Nunes de. Hip Hop: movimento negro juvenil. In: ANDRADE, Elaine Nunes de (Org.). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Summus, 1999.

ARALDI, Juciane. **Formação e Prática Musical de DJs: um estudo multicaso em Porto Alegre**. 2004. 165 f. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: https://www.academia.edu/15507505/Forma%C3%A7%C3%A3o_e_Pr%C3%A1tica_Musical_de_DJs_um_estudo_multicaso_em_Porto_Alegre. Acesso em: 03 set. 2024.

BEZERRA, A. C.; CAVALCANTE, L. F. B. Mediação cultural da informação para o reencantamento do mundo. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 25, n., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2020.e72831>. Acesso em: 03 set. 2024.

BLAUTH, Lurdi; POSSA, Andrea Christine Kauer. Arte, grafite e o espaço urbano. **Palíndromo**, Florianópolis, v. 4, n. 8, 2013. DOI: 10.5965/2175234604082012146. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/3458>. Acesso em: 24 abr. 2024.

FOCHI, Marcos Alexandre Bazeia. Hip hop brasileiro: Tribo urbana ou movimento social? **FACOM**, n.17, 2007. Disponível em: https://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_17/fochi.pdf. Acesso em: 03 set. 2024.

FREITAS, Daniela Silva de. Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [S. l.], n. 59, p. 1–15, 2020. DOI: 10.1590/2316-40185915. Acesso em: 21 maio. 2024. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/29317>.

GITAHY, Celso. **O que é graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

JOSE FILHO, Baltazar. **Ação Cultural: a atuação do bibliotecário como agente cultural na sociedade contemporânea**. 2009. 36 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia), Centro Universitário de Formiga, Minas Gerais, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LAZZARIN, Luíz. Grafite e o Ensino da Arte. **Educação & Realidade**, [S. l.], v. 32, n. 1, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/6660>. Acesso em: 24 abr. 2024.

LIMA, Allisson Marlon Lopes de. **A crítica social nas músicas de rap nacional: a problematização dos temas "violência policial" e "drogas"**. 2018. 101 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social), Departamento de Serviço Social, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/36617>. Acesso em: 24 abr. 2024.



LINDEMANN, Catia; SPUDEIT, Daniela; CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. Por uma Biblioteconomia mais social: interfaces e perspectivas. **Revista ACB**, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 707–723, 2016. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1211>. Acesso em: 13 maio. 2024.

MARTINS, Rosana. Hip hop, arte e cultura política: expressões culturais e representações da diáspora africana. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 260–282, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/36330>. Acesso em: 7 abr. 2024.

MOREIRA, Mychelle Cristhiny Lima; SILVA, Ilaydiany Cristina. Proposta de implantação do projeto de Biblioteca Humana em bibliotecas públicas. **Bibliocanto**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 19–36, 2021. DOI: 10.21680/2447-7842.2021v7n1ID23423. Acesso em: 10 jun. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bibliocanto/article/view/23423>.

PONCIANO, Ana Clara da Silva. **Juventudes e música na periferia**: a relação entre hip-hop e formação sociocultural e política na perspectiva de jovens rappers da cena de Natal-RN. 2022. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música), Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/48570>. Acesso em: 25 abr. 2024.

PRATES, Maíne Alves.; MORAES, Maria Lúcia Andreoli de; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. O universo paralelo: o hip hop como alternativa de reelaborar experiências da juventude periférica. **Revista da Graduação**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/graduacao/article/view/2863>. Acesso em: 25 abr. 2024.

SALLES, Ecio. **Poesia revoltada**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

SANTOS, Izabel Lima dos. Elaboração de produtos e serviços de informação: conceitos e etapas chave. **ConCI: Convergências em Ciência da Informação**, Aracaju, v. 5, n. dossiê, p. 1–19, 2022. DOI: 10.33467/conci.v5i.16835. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/conci/article/view/16835>. Acesso em: 30 maio. 2024.

SANTOS, Michael Stefferson Silva. **Dança Breaking**: Contexto, estilos e procedimentos em ensino e aprendizagem. 2023. 110 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Artes, Curso de Licenciatura em Dança, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/53436>. Acesso em: 30 maio. 2024.

SANTOS, Taynar Lima dos; CARVALHO, Telma de. A música de rap como instrumento para disseminar informação na periferia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 29., 2022, [s.l.]. **Anais [...]**. CBBBD, 2022. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2022/article/view/2579>. Acesso em: 11 jun. 2024.

SILVA, José Carlos Gomes. Rap, a trilha sonora do gueto: um discurso musical no combate ao racismo, violências e violações aos direitos humanos na periferia. São Paulo: USP. **Colóquio Culturas Jovens Afro-Brasil Américas**: Encontros e Desencontros, abr. 2012, p. 1-17, 2012.



SILVA, Roberto Antonio de Sousa da. **MH2O: O movimento hip hop em Fortaleza**. Rio de Janeiro: o autor, 1999.

SILVA, Rociclei da; ALBAGLI, Sarita. Arte, informação e conhecimento na cultura hip hop. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v.5, n.1, 2012. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/267>. Acesso em: 03 set. 2024.

SOUZA, Gustavo. Novas sociabilidades juvenis a partir do movimento hip hop. **Animus: Revista interamericana de comunicação midiática**, Santa Maria, v. 3, n. 2, p. 68-77, 2004.

SOUZA, Sarah Esli de Lima. **Ruas e rimas: apropriação dos espaços públicos e direito à cidade nas batalhas de MC's**. 2019. 159 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/36900>. Acesso em: 03 set. 2024.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. Biblioteconomia Social: uma virada social. **Ciência da Informação Express**, [S.L.], n. 4, p. 1-6, jun. 2023. Disponível em: <https://cienciainformacaoexpress.ufla.br/index.php/revista/article/view/101>. Acesso em: 20 jun. 2024.

TEPERMAN, Ricardo. **Se Liga no Som: As transformações do rap no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015.

VITAL, Luciane Paula; FLORIANI, Vivian Mengarda. Metodologia para planejamento estratégico e gestão de serviços em Unidades de Informação. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 6 n.2, p. 24-44, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1987>. Acesso em: 03 set. 2024.

ZENI, B. O negro drama do rap: entre lei do cão e a lei da selva. **Revista estudos avançados**, v.18, n 50, jan/abr, p. 225-240, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9983>. Acesso em: 03 set. 2024.